



Facultad de
Humanidades y
Ciencias
de la Educación



Instituto de
Educación

ARTÍCULO

Fermentario N. 7, Vol. 2 (2013)
ISSN 1688 6151

Instituto de Educación, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación,
Universidad de la República. www.fermentario.fhuce.edu.uy

Homossexualidade e formação de professores no Brasil: ética e cuidado de si entre a negação e o silêncio

Ronaldo Alexandrino¹

Ângela Fátima Soligo²

Resumo

O objetivo deste trabalho é propor um pensar sobre a formação de professores no Brasil, considerando a temática da homossexualidade, a partir de princípios que se orientem através de uma ética de si. Com o veto, por parte da presidente da república, da possibilidade da discussão da homossexualidade nas escolas, que a negação e o silêncio em relação a uma proposta de formação se faz presente atualmente em território nacional. A compreensão da diferença em si

¹ Doutorando e Mestre em Educação na Faculdade de Educação da UNICAMP. Professor da rede pública de ensino de Hortolândia e da Faculdade de Educação e Ciências Gerenciais de Sumaré / UNIESP. ronaldoalexandrino@uol.com.br

² Doutora em Psicologia. Professora da Faculdade de Educação da UNICAMP. Presidente da ABEP (Associação Brasileira de Ensino de Psicologia). soligo@unicamp.br

mesma articulada com a Teoria das Representações Sociais nos ajuda a entender o porquê de a representação social da homossexualidade como contágio estar presente em nossa sociedade. Por sua vez, é possível considerar tal proposta de formação no âmbito de uma educação menor a partir dos cotidianos vividos. Uma experiência realizada no município de Hortolândia/SP aponta para essa possibilidade e indica pressupostos a serem considerados ao se pensar um processo de formação. A discussão teórica é feita na articulação entre Filosofia e Psicologia Social contemporâneas, considerando os estudos de Michel Foucault, Gilles Deleuze e Serge Moscovici.

Palavras-chave: Homossexualidade – formação de professores – ética de si – cuidado de si – representações sociais.

Homosexualidad y la formación del profesorado brasileño: ética y cuidado de si mismo entre la negación y el silencio

Resumen

El enfoque de este trabajo es lo de proponer una reflexión a respecto de la formación del profesorado brasileño, considerando la temática de la homosexualidad, como punto de partida de los principios que se orienten a través de una ética de si mismo. Actualmente, con el veto por parte de la presidente de la república, se hace presente en el territorio nacional la posibilidad de discusión de la homosexualidad en las escuelas, además de la negación y el silencio en relación a una propuesta de formación. La comprensión de la diferencia en si misma articulada con la Teoría de las Representaciones Sociales, nos ayuda a entender lo porqué de la representación social de la homosexualidad estar como contagio en nuestra sociedad. Por su vez, es posible considerar tal propuesta de formación en el ámbito de una educación disminuida, se teniendo en cuenta los cotidianos vividos. Una experiencia realizada en la municipalidad de Hortolândia/SP en Brasil, nos apunta para esa posibilidad e indica presupuestos que serán considerados al si pensar en un proceso de formación. La discusión teórica es hecha desde la articulación entre la Filosofía y la Psicología Social

contemporáneas, considerando los estudios de Michel Foucault, Gilles Deleuze e Serge Moscovici.

Palabras clave: Homosexualidad – formación de profesorado – ética de si mismo – cuidado de si mismo – representaciones sociales.

**Homosexuality and teacher's formation in Brazil:
ethics and self-care between denial and silence**

Abstract

The objective of this work one way to think about the homosexuality in Brazil, considering the thematic of homosexuality, from principles that are guide through an ethics of themselves. With the veto by the president of the republic, the possibility of the discussion of homosexuality in schools, that denial and silence in relation to a proposed training is present currently in the country. Understanding the difference in itself articulated with social representations theory helps us understand why the social representation of homosexuality as contagion is present in our society. In turn, it is possible to consider such proposal for training as part of a minor education from the everyday lived. An experiment conducted in Hortolândia / SP points to this possibility and indicates premises to be considered when thinking about a process of formation. The theoretical discussion is made on the relationship between philosophy and contemporary social psychology, considering the studies of Michel Foucault, Gilles Deleuze and Serge Moscovici.

Keywords: Homosexuality - teacher's formation - ethical of themselves - self-care - social representations.

Em pleno século XXI: O cenário atual

Atualmente, o Brasil vive um período de silêncio após a negação do projeto “Escola sem homofobia”, proposto pelo Ministério da Educação (MEC), conhecido vulgarmente por “kit gay”. Tal material, composto por vídeos e textos, propunha uma discussão da homossexualidade entre jovens e adolescentes dentro das escolas públicas do país. Os setores mais conservadores da sociedade brasileira reagiram de maneira contrária ao recebimento do material, e por sua vez da discussão, chegando ao ponto de ser necessária uma intervenção da presidente da república, que decidiu vetar a circulação de tal proposta em maio de 2011.

Após o veto, não se comenta mais o caso, por sua vez, a não circulação de uma discussão carrega algo implícito, que reflete uma maneira de se representar o outro e por sua vez, de se organizar as práticas cotidianas de se lidar com aquilo que aparece como anormal, não-familiar, diferente. A negação da possibilidade de se (re)pensar uma representação do outro, ou de mim mesmo, que não corresponde com a representação social da homossexualidade que circula na sociedade brasileira explicitam formas de objetivar a convivência entre uma população.

Apesar da negação e do silêncio, referente a essa temática, tal discussão se faz necessária. O que está implícito em tais atitudes quando se opta por uma postura de não enfrentamento de um fenômeno social?

A homossexualidade é um fato, não se pode negar. Ela está em nossa sociedade, por sua vez, o que nos interessa é como essas relações que advém do ambiente escolar são articuladas e vividas no cotidiano da escola. É preciso cuidar de si para cuidar do outro, portanto é necessário cuidar da representação social do professor sobre a homossexualidade para que ele possa, por sua vez, cuidar de seu aluno. Muda-se uma prática quando se muda uma representação, e a formação de professores ainda aparece como uma saída possível.

A diferença e a Teoria das Representações Sociais

Estamos acostumados a entender a diferença a partir da lógica da identidade. Por sua vez, “A diferença não tem nada a ver com o diferente. A redução da diferença ao diferente equivale a uma redução da diferença a identidade” (SILVA, 2002: 66). Temos aí um equívoco social que está presente na organização de nossa sociedade.

Assim, a marca de um comportamento, que não seja a da maioria de um grupo social, acaba apresentando algumas características que se apresentam estranhas na comparação com aquelas que são consensuais. É na oposição a uma identidade entendida como vigente que as então chamadas identidades minoritárias surgem.

Pode-se de fato observar que, quando falamos em “minorias”, não fazemos referência ao número (as minorias são, às vezes, do ponto de vista demográfico, tão importantes quanto a maioria), mas à desigualdade na distribuição do poder, à lógica da dominação. A hierarquia social expressa diretamente esta desigualdade (MOSCOVICI, 2011: 21).

A criação de uma identidade de gênero nos leva a criar hierarquias que acabam por sua vez colocando os diferentes sujeitos em diferentes lugares sociais. É na tentativa de se romper com essa lógica, que, neste trabalho, a diferença será pensada em si mesma.

A diferença difere. Tal premissa é fundamental na compreensão de quem é o outro que não é igual a mim, ou a maioria de um grupo social. Entender a diferença, e particularmente nesse caso, a homossexualidade, como algo que se é, rompe com um pensar sobre o outro dentro de uma lógica identitária. Assim, “tirar a diferença de seu estado de maldição parece ser, pois, a tarefa da Filosofia da diferença” (DELEUZE, 2006: 57).

Ao se buscar uma articulação entre a filosofia da diferença e a Teoria das Representações Sociais, podemos ousar dizer que a diferença aparece como aquilo que Moscovici chama de não-familiar.

A presença real de algo ausente, a “exatidão relativa” de um objeto é o que caracteriza a não-familiaridade. Algo parece ser visível, sem o ser: ser semelhante, embora sendo diferente, ser acessível e no entanto ser inacessível. O não-familiar atrai e intriga as pessoas e

comunidades enquanto, ao mesmo tempo, as alarma, as obriga a tornar explícitos os pressupostos implícitos que são básicos ao consenso (2003: 56).

Quando a sociedade brasileira nega e silencia uma proposta de formação que leva em consideração a discussão da homossexualidade no ambiente escolar, ela explicita as representações sociais que possuem sobre tal fenômeno. A não-familiaridade da diferença se expressa num discurso de interdição que tem sua justificativa pautada em um medo: o de se ensinar/aprender a ser homossexual nas escolas.

Uma representação social da homossexualidade: o contágio

A partir do século XIX a terminologia *pederastia* é retomada da Grécia antiga. Se outrora ela denotava o amor entre e pelos jovens, ela passa a ser entendida como um crime social que precisa ser perseguido e eliminado do convívio. No Brasil, tal discurso ganhou força no âmbito jurista e médico, que os consideravam uma tendência natural (GREEN; POLITO, 2006). Evidencia-se aqui uma preocupação com a higienização do casamento, e por sua vez, das práticas sexuais que não fossem o intercuro pênis-vagina para procriação.

Uma representação social da homossexualidade, como algo que é contagioso, é criada neste momento histórico a partir de preceitos médicos que começam a entendê-la como um desvio natural, por sua vez como uma doença.

Considerando que as representações sociais são criadas na história e são compartilhadas através da comunicação por aqueles que convivem em um grupo cultural (MOSCOVICI, 1978), tais marcas ainda se fazem presente em nossa sociedade atual, uma vez que as representações sociais rompem com a barreira do tempo.

Isso facilita nossa atual compreensão da negação de uma parcela de nossa sociedade quando é proposta uma possibilidade de formação que considere tal temática na escola, afinal a homossexualidade, entendida como algo contagioso, ainda é uma representação que circula e orienta o comportamento de alguns sujeitos.

É como se as práticas sexuais ainda precisassem ser higienizadas e, trazer a tona tal discussão interfere na lógica dessa representação social. O silêncio que se teve após o veto de tal proposta evidencia que tal representação ainda é compartilhada pela maioria da sociedade brasileira.

Por sua vez, é possível desenvolver um trabalho de formação de professores que considere o cuidado de si ao lidar com a homossexualidade, afinal o cuidado de si “inscreve-se pois, não somente no interior do projeto político, como no interior do *déficit* pedagógico” (FOUCAULT, 2011: 35). É considerar a formação de professores como algo que vai além de questões didático-instrumentais.

Possibilidades: formação de professores num âmbito menor por uma ética de si

Um processo de formação no âmbito da educação menor será um espaço de resistência ao modo como comumente a discussão sobre as diferenças acontecem na escola. Afinal, “se a educação maior é produzida na macropolítica, nos gabinetes, expressa nos documentos, a educação menor está no âmbito da micropolítica, na sala de aula, expressa nas ações cotidianas de cada um” (GALLO, 2003: 78). Ou seja, se trata de abrir mão dos discursos que outrora estão presentes no ambiente escolar, e que por sua vez buscam dominar os professores, e por sua vez os ditos anormais, em detrimento de um olhar aproximado das questões do cotidiano da escola.

Esse processo formativo busca compreender o processo histórico de construção das representações sociais da homossexualidade, ou a própria homossexualidade enquanto representação, visando a desnaturalização do conceito no sujeito.

Se tentarmos entender como tais representações afetam os comportamentos sociais estaremos considerando que “a ação e as representações do professor refletem diretamente no comportamento do aluno” (SOLIGO, 2002: 148). A partir de então é possível pensar em alguma possibilidade de ação formativa que não classifique e hierarquize tais práticas.

Temos presente, portanto, um pressuposto no que tange a uma formação de professores no âmbito de uma educação menor que é aquele que busca compreender, juntamente com os professores, quais são os mecanismos de dominação e apagamento das diferenças que estão presentes (mas aparentemente ocultos) nas práticas pedagógicas.

Para isso, é necessário um olhar mais aproximado das práticas de cada professor. Talvez, uma formação de professores que seja centrada na própria escola e que considere o modo como a sexualidade marca as relações pessoais dos professores e, por sua vez, criam implicações em sua prática docente (SILVA, 2007), possa escapar de algumas armadilhas que estão presentes em algumas instituições formativas que estão ligadas ao poder público, afinal, “a educação menor pode ser capturada pela educação maior e ser estratificada, estriada, engessada” (GALLO, 2007: 29).

Se o discurso atual versa pela não realização de uma discussão da temática em questão, cabe ressaltar que experiências contrárias a organização social vigente se fazem presentes em território brasileiro.

A título de exemplo: uma experiência que não foi negada, nem silenciada

Na dissertação de mestrado intitulada *A suposta homossexualidade*, Alexandrino (2009) explicita uma possibilidade e formação de professores centrada na escola que considere a homossexualidade como o mote de discussão. Tal experiência ocorreu antes do veto social referente a proposta de formação colocada pelo Ministério da Educação do Brasil. Isso evidencia que, apesar de um discurso que se coloca “a favor de uma maioria”, existem sujeitos, em seus lugares cotidianos dispostos a alguma mudança no ambiente escolar.

No ano de 2008 foi criado um grupo de estudo, sobre a temática em questão, em duas escolas (uma da Educação Infantil e outra Ensino Fundamental) do município de Hortolândia/SP. O critério de seleção pelas escolas partiu da necessidade de discussão da temática dos sujeitos em questão. A participação dos envolvidos aconteceu de maneira voluntária, sendo que qualquer um poderia abandonar a pesquisa em qualquer momento.

Inscreveram-se 30 educadores, 18 iniciaram o processo formativo e 12 finalizaram os encontros. O grupo de estudos teve 10 encontros, durante o segundo semestre de 2008, num total de 30 horas. Nos encontros foram realizados estudos e reflexões considerando textos, filmes, músicas.

A intenção da pesquisa era observar quais são as representações sociais que os professores possuíam sobre a homossexualidade e como essas representações sociais estavam associadas aos relatos de suas práticas docentes e à percepção de uma suposta homossexualidade³ de seus alunos.

Além disso, os encontros propunham confrontar as representações sociais que os professores possuem sobre o assunto com as teorias produzidas, bem como com as reflexões feitas pelo próprio grupo, na tentativa de se pensar outras propostas de ancoragem para a homossexualidade como representação social.

As temáticas de discussão foram organizadas da seguinte maneira:

1º encontro: Apresentação do grupo, exibição e discussão do vídeo “Minha vida em cor-de-rosa”;

2º encontro: História da homossexualidade;

3º encontro: Masculino/Feminino;

4º encontro: Como olho para outro (retomada do vídeo “Minha vida em cor-de-rosa”);

5º encontro: A escola (a partir do pensamento de Foucault);

6º encontro: Análise de trecho do vídeo “O tempero da vida”;

7º encontro: Análise de casos que consideravam o posicionamento dos educadores a partir de situações cotidianas referentes a homossexualidade na escola;

8º encontro: Finalização das análises dos casos e introdução a Teoria das Representações Sociais;

9º encontro: Análise de trechos de falas das educadoras (colhidas no 1º encontro) e elaboração de acróstico que evidenciasse as representações sociais das educadoras após os encontros;

³ No referido trabalho a terminologia “suposta homossexualidade” foi adotada por considerar a homossexualidade uma representação social, buscando assim, fugir de qualquer representação social existente sobre a homossexualidade

10º encontro: leitura e discussão de trecho do texto de qualificação (que considerava a homossexualidade uma representação social) e avaliação do curso.

Por uma ética de si

Ao considerarmos o atual cenário brasileiro que nega e silencia qualquer possibilidade de formação que tenha a homossexualidade como temática de discussão, podemos afirmar que, mesmo contrariando uma lógica vigente, é possível criar espaços de resistência que apontem para algum indicativo de mudança.

Em relação a criação de propostas de formação, se faz necessário considerar alguns pressupostos que nortearão o trabalho a ser desenvolvido. Sendo eles:

- romper com a lógica da prescrição;
- desconfiar de todos os discursos prontos;
- não naturalizar a homossexualidade nos sujeitos (ir além das representações sociais);
- ter como foco as relações cotidianas entre os sujeitos.

Enfim, o presente trabalho, não propõe uma metodologia pronta, mas apresenta alguns princípios que, ao surgir de temas particulares de cada cotidiano, podem orientar possibilidades de uma formação de professores que, no âmbito de uma educação menor, considere um cuidado de si, e por sua vez do outro.

Referências bibliográficas

ALEXANDRINO, Ronaldo. *A suposta homossexualidade*. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP, 2007.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. 3. ed. Martins Fontes, 2011.

GALLO, Silvio. *Deleuze & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. Acontecimento e resistência: educação menor no cotidiano da escola. In: CAMARGO, Ana Maria Faccioli de; MARIGUELA, Márcio. *Cotidiano escolar: emergência e invenção*. Piracicaba: Jacintha editores, 2007.

GREEN, James N; POLITO, Ronald. *Frescos trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

MOSCOVICI, Serge. *A Representação Social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1978.

_____. *Representações Sociais: Investigações em psicologia social*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2003.

_____. *Psicologia das minorias ativas*. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e diferença: Impertinências. In: *Educação e Sociedade: revista quadrimestral de Ciência da Educação*. Campinas: Cedes, v. 23, n. 79, 2002.

SILVA, Mirian Pacheco. *Memórias dos professore(a)s sobre sexualidade e o currículo como narrativa*. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP, 2007.

SOLIGO, Ângela Fátima. Contribuições da psicologia social para a formação do professor: representações sociais e atitudes. *In: AZZI, Roberta Gurge.;*

SADALLA, Ana Maria Falcão de Aragão (Orgs.). *Psicologia e formação docente: desafios e conversas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.